

LAMAS, Marta. **Dolor y política: sentir, pensar y hablar desde el feminismo**. México: Editorial Océano, 2021.

Alana Pacheco dos Reis Verani¹
Jônatas Stritar Alaman¹
Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes¹

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, SC, Brasil

Em seu livro *Dolor y política: sentir, pensar y hablar desde el feminismo*, publicado em 2021 e ainda sem tradução para o português, Marta Lamas nos convida para um exercício de autocrítica de nossos afetos e práticas feministas.

A antropóloga feminista mexicana nasceu em 1947 na Cidade do México e construiu sua trajetória profissional articulando seu ativismo político à carreira de antropóloga docente na Universidad Nacional Autónoma do México (UNAM).

Lamas é uma das principais referências de antropologia feminista e, como característica de antropólogas feministas mexicanas, existe grande imbricação de suas participações em movimentos sociais e feministas com suas produções acadêmicas e epistêmicas (Marta Castañeda, 2012; Marisa Ruiz, 2021), sendo visível em suas obras o reflexo de seu engajamento social e político, com temas referentes às questões de gênero, de aborto e de cidadania.

O livro é composto de seis capítulos e contém 36 páginas na seção “Anexo”, em que a autora traz documentos que vão desde manifestos políticos, gritos de manifestações nas ruas até poemas.

No capítulo introdutório “*Sentir, pensar e falar*”, a autora se propõe a pensar sobre a relação entre teorias e práticas feministas e a energia afetiva que nos move como ativistas. Ao que a autora mobiliza como a dimensão subjetiva da política, sua análise se concentra no lugar dos afetos e das emoções nas narrativas feministas, em especial no papel da indignação, da dor e da raiva expressadas por ativismos políticos.

Tendo em mente a necessidade de construir espaços de diálogos saudáveis, Lamas se preocupa com o efeito da raiva na deliberação de alianças que fortaleçam políticas feministas. A autora acredita ser necessário discutir sobre a não violência em espaços públicos – sejam eles físicos ou virtuais –, inclusive entre ativistas feministas. Seu argumento é o de que um dos maiores obstáculos que enfrentamos atualmente é a dificuldade de estabelecer diálogos entre as diferentes correntes feministas.

Recebido em: 17/10/2023

Aceito em: 03/11/2023



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

A autora entende, entretanto, que a política será, inevitavelmente, marcada por conflitos. A defesa do espaço comum para os diálogos não deve ensejar idealizações que neutralizam a luta política feminista e que ignorem o complexo emaranhado de posições de poder que permeiam esse campo político.

No capítulo “*Pensar a época*”, a autora esboça algumas das reconfigurações do feminismo ao longo da história. Como exemplo de tais reconfigurações, Lamas atribui ao capitalismo neoliberal a inserção da temática do empoderamento às mensagens e às pautas feministas. A partir de um feminismo *light*, mulheres “donas de si”, almejam conquistar avanços socioeconômicos pessoais por meio do trabalho e do autogoverno sem, no entanto, reivindicar mudanças estruturais nas sociedades.

Desde o fenômeno “pós-feminista”, calcado em uma recusa à autoidentificação com o termo “feminista”, combinada com uma produção estética de si hipersexualizada e hiperfeminina, até os momentos de afirmação baseados em um processo mais amplo de percepção do feminismo, tido como *cool* no começo da década de 2010, a crítica da autora se assenta na capacidade adaptativa do mercado em se tornar norteador de processos de subjetivação e de significação do feminismo.

Ao abordar os novos feminismos na América Latina, o argumento da autora é de que a partir do ano de 2014, com o avanço das tecnologias da informação, juntamente com a circulação de um feminismo mercantilizado, mobilizações de jovens anticapitalistas, antirracistas e antipatriarcais ganharam força nas novas práticas feministas.

No terceiro capítulo “*Dor, raiva e violência*”, a reflexão se estende aos conceitos de dor, raiva e violência e suas possíveis aplicações estratégicas à política feminista. A violência como resposta à violência vem sendo interpretada de formas dicotômicas pelas correntes feministas, desde atos simbólicos, como pichar muros ou despejar *glitter* rosa em um chefe de polícia até ações anárquicas, das autointituladas *anarcas*, são percebidas e praticadas de maneiras estrategicamente distintas.

A raiva é percebida pela autora entre uma miríade de emoções crescentes que marcam as experiências das mulheres jovens em situações de subordinação. Se a questão é validar tais reações, devemos pensar nelas a partir da contextualização de suas dores. Afinal, como reagir diante das situações de desigualdade e de violência, em que a dor e a indignação se tornam primordiais para a ação política e pulsantes para futuras mobilizações?

Nesse momento do livro, críticas são tecidas ao feminismo “separatista” como forma de resistência à dominação masculina. Lamas defende a existência de espaços não mistos, onde possamos compartilhar nossas experiências com outras mulheres em lugares seguros e afetivos, porém acredita ser preciso dialogar com os homens sob o olhar da interseccionalidade.

A máxima de seu argumento se resume em entender os exageros que se pode cometer quando se leva posições ideológicas ao extremo. A raiva pode ser interpretada como arena prolífica, seja para uma mudança efetiva ou para causar um desconforto social produtivo. São essas maneiras de guiar as ações, assim como de suas consequências negativas para um projeto feminista mais abrangente, que se tornam pontos principais para o debate.

Em “*As identidades na hora de fazer política*”, o quarto capítulo da obra, a autora comenta a respeito da vertente feminista “mulherista”, a qual essencializa a diferença

entre mulheres e homens. Lamas compara essa vertente a uma política identitária que constrói um essencialismo teórico da diferença. Essas formas de endurecimento da fronteira identitária seriam obstáculos para as articulações políticas.

Nesse momento, o alerta se dirige a todos os feminismos. A ênfase à categoria “mulher”, com o intuito de promover políticas públicas e debates ao redor de temas que lhes afetam, não necessariamente precisa ser seguida de uma crença contida numa experiência idealizada de subordinação. Já que, no intento de construir uma lógica política que faça sentido para a mobilização, acaba por essencializar sujeitos e conformar uma “comunidade” de forma avessa a outras lutas.

Ao se inspirar na autora feminista estadunidense Wendy Brown, Lamas indaga sobre o desafio de reconhecer a posição mutável que todos os seres humanos ocupam, e que no campo político feminista deve sempre ser colocada em evidência a reflexão: quem somos?

A urgência em reconhecer as diferenças possibilitou mudanças significativas nas políticas feministas e de outros sujeitos marginalizados. Mas em que pese a mão de uma construção identitária cega, os feminismos devem investir na crítica do lugar/da posição do sujeito, mediada pelo senso crítico que só uma política de alianças consegue tornar possível.

Lamas defende que a aliança entre mulheres não precisa se dar por uma lógica identitária, ou amorosa, uma proposta destoante a da teórica feminista bell hooks (2021), mas sim em uma relação de *necessidade*. Lamas acredita que reconhecer nossas diferenças identitárias e epistemológicas não nos impede de nos unirmos pelo desejo de criar uma prática política feminista que seja efetiva. Emoções como dor, raiva e rivalidade se constituem como obstáculos práticos.

No capítulo cinco, “*Emoções, ideologia e política*”, o argumento segue a respeito do desafio de construir articulações dentro do movimento feminista, partindo do ponto em que nossas emoções e perspectivas ideológicas sobre temas urgentes nos segregam. O trabalho sexual é um desses temas problemáticos na política interna feminista.

Lamas comenta o discurso moralizador sobre sexo que circula nos feminismos e que dividem mulheres entre “decentes” e “putas”, sendo as putas, para algumas vertentes feministas, as inegáveis vítimas do patriarcado. Organizações que atuam contra o tráfico de mulheres sob uma postura ideológica neoabolicionista são exemplos de práticas feministas que compreendem a prostituição como uma violência a todas as mulheres.

A antropóloga argumenta que esse discurso se alinha a uma política xenófoba e punitivista que acaba com o sustento de trabalhadoras e de trabalhadores sexuais pobres sem lhes oferecer outra alternativa econômica que seja equiparável. Para ela, fazer política feminista requer um debate crítico constante de nossas razões, paixões e afetos, assim como a construção de espaços de discussão sobre os significados políticos de nossas teorias para que possamos construir acordos na luta por uma ordem social diferente.

A esse comportamento de algumas feministas, Lamas apresenta a noção de “convicções ideológicas”. Essas convicções centradas em posições rígidas no que se refere a certos temas, como o trabalho sexual, transforma o debate político feminista em um paroquismo entre “nós” e “elas” que presumem interpretações ideológicas do social, mas que, por fim, são insensíveis às complexidades sociais. Ao suscitar o conceito

de “espirais de significação” para localizar os pontos de tensão comuns e históricos entre feministas são feitos avisos pertinentes para qualquer prática política feminista: ser incessantemente sensível ao vocabulário que se mobiliza para tratar de alguns temas.

Nesse momento do livro, Lamas relata a sua experiência como antropóloga feminista e feminista ativista. Sua postura em relação ao trabalho sexual e sua aceitação de certos homens como aliados teriam sido o motivo de algumas companheiras quererem “expulsá-la” do feminismo. Aqui, ela nos narra três situações em que feministas se mobilizaram contra ela, seja em atos públicos levantando cartazes com críticas à sua postura, seja nas redes sociais em manifestos contra seu livro *Acoso: ¿Denuncia legítima o victimización?* (Lamas, 2018), ou quando estudantes da faculdade de química fizeram uma denúncia à universidade sobre sua disciplina de gênero.

No epílogo e último capítulo da obra, “*O que significa falar?*”, há uma defesa de um feminismo crítico que seja a junção de práticas anticapitalistas, antirracistas e antipatriarcais (com posturas antiessencialistas e antipunitivistas) mesclado a exercícios de autorreflexão. O vocabulário que Marta Lamas defende que usemos não é aquele de “raiva feminista”, o qual poderia deixar de produzir mudanças concretas ao focar em criminalizações personalizadas. A defesa aqui é de um feminismo de esquerda, rebelde, solidário e poético.

Ao se inspirar em Judith Butler e suas reflexões de assembleias de corpos se fazendo visíveis em vias públicas, a proposta é a de que pratiquemos a sensibilidade do diálogo entre todas as pessoas e de um exercício interno de nos colocarmos sempre em posição crítica, não somente com relação às demais, mas sim conosco.

Por fim, Marta Lamas nos incentiva a reconhecer que o que nos une é a luta coletiva. A “cadeia de equivalências” se constrói com o passar do tempo, com as conquistas, com os conflitos, com a abertura às novas pautas. O espaço micropolítico entre nós como movimento articulado e nossas subjetividades, para a emancipação de quem quer que esteja em condições de desigualdade, é a arena principal na qual o movimento feminista encontra sua força.

Referências

- CASTAÑEDA, Martha Patricia. Antropólogas y feministas: apuntes acerca de las iniciadoras de la antropología feminista en México. **Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, n. 36, p. 33-49, 2012.
- HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: Novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- LAMAS, Marta. **Acoso: ¿Denuncia legítima o victimización?** México: Fondo de Cultura Económica, 2018.
- RUIZ, Marisa. Rebeldes y revolucionarias: aportes a la antropología feminista (1970-1992). **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, Brasília, DF, v. 18, p. 3-22, 2021.

Resenha

Alana Pacheco dos Reis Verani

Doutoranda e Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). Bacharela em História (UFF). Integrante do Núcleo de Identidades de Gênero e Sexualidades (NIGS/UFSC). Bolsista de doutorado CAPES.

Endereço profissional: Universidade Federal de Santa Catarina, Câmpus João David de Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900.

E-mail: alanareisverani@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0814-1054>

Jônatas Stritar Alaman

Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). Bacharel em Ciências Sociais (UFMS). Integrante do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC). Ex-bolsista Capes.

Endereço profissional: Universidade Federal de Santa Catarina, Câmpus João David de Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900.

E-mail: jonatasalaman5@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7921-1115>

Tatiana Bezerra de Oliveira Lopes

Doutoranda e Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGAS/UFSC). Bacharela em Ciências Sociais (UFMS). Integrante do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC). Bolsista de doutorado CNPq.

Endereço profissional: Universidade Federal de Santa Catarina, Câmpus João David de Ferreira Lima, Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040-900.

E-mail: tatianabezerralopes@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1510-1774>

Como referenciar esta resenha:

VERANI, Alana Pacheco dos Reis; ALAMAN, Jônatas Stritar; LOPES, Tatiana Bezerra de Oliveira. Resenha da obra: Dolor y política: sentir, pensar y hablar desde el feminismo. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e96831, p. 183-187, janeiro de 2024.